

LEITURAS DE ÉMILE BENVENISTE

Organizadores:
Heloisa Monteiro Rosário
Sara Luiza Hoff
Valdir do Nascimento Flores

2022

1ª edição

Porto Alegre

editora
ZO
UK

Conselho Editorial

Cristiane Tavares – Instituto Vera Cruz/SP
Daniela Mussi – UFRJ
Idalice Ribeiro Silva Lima – UFTM
Joanna Burigo – Emancipa mulher
Leonardo Antunes – UFRGS
Lucia Tennina – UBA
Luis Augusto Campos – UERJ
Luis Felipe Miguel – UnB
Maria Amelia Bulhões – UFRGS
Regina Dalcastagnè – UnB
Regina Zilberman – UFRGS
Renato Ortiz – Unicamp
Ricardo Timm de Souza – PUCRS
Rodrigo Saballa de Carvalho – UFRGS
Rosana Pinheiro Machado – Universidade de Bath/UK
Susana Rangel – UFRGS
Winnie Bueno – Winnieteca

2022 © Heloisa Monteiro Rosário; Sara Luiza Hoff e Valdir do
Nascimento Flores

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Revisão: Tatiana Tanaka

Capa: Heloisa Monteiro Rosário

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

L533

Leituras de Émile Benveniste [recurso eletrônico] : estudos sobre
literatura brasileira moderna / organizado por Heloisa Monteiro Rosário,
Sara Luiza Hoff, Valdir do Nascimento Flores. - Porto Alegre : Zouk, 2022.
212 p. ; ePUB.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5778-096-1 (Ebook)

1. Linguística. I. Rosário, Heloisa Monteiro. II. Hoff, Sara Luiza. III.
Flores, Valdir do Nascimento. IV. Título.

2023-132

CDD 410

CDU 81'1

Índice para catálogo sistemático:

1. Linguística 410
2. Linguística 81'1



direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

XXI - A semiologia da língua é a metassemântica?

Heloisa Monteiro Rosário (UFRGS)
heloisa.monteirorosario@gmail.com

1. Palavras iniciais

Trago, no título deste trabalho, uma pergunta e, com ela, uma provocação para nossa discussão neste 4º *Colóquio Leituras de Émile Benveniste*.

Buscando uma resposta, trago uma parte de meu périplo em torno do *Benveniste semiólogo*; falo, portanto, de algumas das ideias apresentadas e defendidas em minha tese de doutorado (ROSÁRIO, 2018).

Considero que, com a publicação dos dois volumes de seus *Problemas de linguística geral* (1966; 1974) e com a publicação de suas *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (2012), dois importantes marcos a respeito das ideias do linguista são estabelecidos. Se, de um lado, seus *Problemas* acabam se configurando em um marco para os estudos enunciativos a partir de 1966, de outro, suas *Últimas aulas* acabam se configurando em outro marco a partir de 2012, na medida em que trazem à tona, por sua vez, o interesse de Benveniste pela questão semiológica, discutida especialmente, entre 1968 e 1969, em suas aulas no Collège de France e em seu artigo “Semiologia da língua”.

Cabe, no entanto, salientar que não estou aqui afirmando que existe uma fase enunciativa e outra semiológica no pensamento de Benveniste. Nada disso. Não se trata de fases. De fato, o que existe é sempre um mesmo e constante movimento de reflexão que tem a língua como objeto e que envolve a questão da significação,¹ seja de um ponto de vista linguístico (enunciativo ou não), seja de um ponto de vista semiológico.

Em outras palavras, acompanhando Teixeira e Messa (2015, p. 100), para mim, esses diferentes pontos de vista do linguista (ou eixos de interesse relacionados à ideia de um universo benvenistiano) têm seu *ponto de convergência* na questão da significância da língua. Daí por que não é possível tomar o pensamento benvenistiano de modo fragmentado e desconexo ou, como foi

1 Como mostra a pergunta, recorrente em textos do autor: “Como (um)a língua significa?”

o caso durante muito tempo, reduzido a um só aspecto: o da enunciação;² embora, é claro, se possa eleger um desses pontos ou eixos isoladamente como objeto de estudo e pesquisa.

Nesse sentido, uma falta de coesão de conjunto não passa de um efeito; ou seja, resulta do modo como a obra de Benveniste se apresenta, o que não se dá na forma de uma publicação (ou um conjunto de publicações) em que o linguista desenvolva e sistematize seu pensamento, mas sobretudo através de diferentes publicações que compilam alguns de seus muitos artigos dispersos.³ Por outro lado, certamente também contribui para esse efeito o fato de o linguista ministrar aulas no Collège de France e não na universidade, onde suas ideias são debatidas na filosofia (por Ricoeur) e não na linguística, campo no qual, apesar do indiscutível sucesso editorial de seus *Problemas*, sua repercussão é mais positiva entre os gerativistas do que entre os funcionalistas. Ou seja, no campo da linguística, o contexto universitário francês tem igualmente um papel não negligenciável no modo como se dão (ou não se dão) a discussão e a circulação das ideias de Benveniste. Aproveito e observo aqui como essa questão da recepção de uma obra, um pensamento, e a questão do contexto universitário em um determinado momento e espaço têm efeitos sobre o modo como essa obra, esse pensamento, circula e entra ou não no debate.⁴

Em relação a isso, a descoberta de manuscritos do linguista, assim como as recentes publicações desses textos inéditos (suas *Últimas aulas*, em 2012, e *Baudelaire*, em 2011), proporcionou uma considerável redescoberta de suas ideias, relançando, conforme atestam, por exemplo, Dessons (2009), Flores (2013) e Bédouret-Larraburu e Laplantine (2015), sua atualidade.

A partir dessas publicações, referindo-se especificamente ao contexto brasileiro, Flores (2017, p. 77) aponta uma significativa mudança de perspectiva, uma vez que os estudos em Benveniste passam a ter um caráter predominantemente intrateórico, trazendo para o centro da reflexão a imanência de sua teoria da linguagem, o que corresponde, para o autor, ao terceiro eixo da segunda recepção do linguista no Brasil.

Conseqüentemente, não só outras questões começam a ser discutidas (como a semiológica e a poética), mas, além disso, noções e discussões são

2 Ressalto ainda que, muitas vezes, indo mais longe nessa lógica reducionista, existem trabalhos que não apenas restringem as ideias de Benveniste à questão enunciativa, mas, além disso, limitam a reflexão que apresentam a uma simples identificação e análise de marcas formais, o que também merece ser problematizado.

3 Sobre a obra de Benveniste, conferir, por exemplo, Moïnfar (1992).

4 Sobre a recepção de Benveniste no Brasil, conferir Flores (2017).

ressignificadas na medida em que não mais se restringe o pensamento sobre a linguagem elaborado por Benveniste à teoria da enunciação, mas se busca considerar o conjunto de sua obra e a formulação de uma teoria da linguagem em sentido amplo: em outras palavras, conforme Flores (2013, p. 180), uma teoria da linguagem “na qual a enunciação tem indubitável lugar de destaque, mas que a transcende”.

Isso posto, vamos ao *Benveniste semiólogo* e à questão (provocadora) a respeito da semiologia da língua que dá título a este trabalho!

2. Sobre o artigo “Semiologia da língua” e a questão semiológica em Benveniste

O artigo “Semiologia da língua” sempre me intrigou, suscitando uma série de discussões e perguntas, como, por exemplo:

- Por que esse artigo é apresentado em duas partes (Parte I e Parte II)?
- Qual é especificamente a função da Parte I e a da Parte II?
- Que relação é possível estabelecer entre essas duas partes?
- Como a passagem relativa à metassemântica se relaciona com o artigo como um todo?
- O que é, afinal, a metassemântica? Trata-se da semiologia da língua, que intitula o artigo?

Respostas para essas perguntas, de fato, apenas encontrei com a leitura e o debate de suas *Últimas aulas*, uma vez que, com a consideração dessa publicação, surgiu, para mim, uma outra possibilidade de leitura do artigo, o que se deu principalmente em função de duas questões: de um lado, é claro, daquilo que os próprios manuscritos trazem em termos de ideias e de discussão teórica; de outro, daquilo que se passa a conhecer sobre aspectos relativos à vida (percurso pessoal e profissional) e à obra de Benveniste, sobretudo ao longo dos anos 1960. Em Rosário (2018), buscando aprofundar a discussão das ideias de Benveniste, trago isso através do que nomeei uma *composição vida-obra-teoria*.

Essa leitura de suas *Últimas aulas* me levou, por conseguinte, a buscar outros textos (anteriores ou posteriores a sua publicação em 2012) que também tratam, de um modo ou de outro, desses aspectos: Dosse (1992a; 1992b), Dessons (2006), Milner (2008 [2002]), Pinault (2013) e Fenoglio (2013a; 2013b; 2016a; 2016b), por exemplo.

Com isso, meu périplo em torno do *Benveniste semiólogo* foi se configurando, ao mesmo tempo que fui compreendendo que, nesses anos 1960, a atividade profissional de Benveniste envolve a escrita e a publicação de inúmeros artigos,⁵ a participação em diferentes encontros científicos,⁶ além da docência no Collège de France em dois cursos distintos: um dedicado ao indo-europeu, ao indo-iraniano ou a outra língua (ou conjunto de línguas), e outro dedicado à linguística geral. Eis aí o teórico, o pesquisador e o professor, como diz Fenoglio (2013b, p. 45).

Ressalto que a perspectiva resultante dessa *composição vida-obra-teoria* não somente revela a densa e intensa atividade intelectual do linguista, mas também sua profunda inserção nas discussões de seu tempo, e, em relação a isso, destaco sua parceria com Gourou e Lévi-Strauss na criação (em 1961) e na direção da revista de antropologia *L'Homme*, assim como seu engajamento na discussão semiológica que caracteriza a época e que tem na figura de Barthes seu nome central.⁷

Nesse sentido, sustento que uma discussão a respeito da reflexão semiológica de Benveniste deve ser pautada pelo artigo “Semiologia da língua”, única publicação sobre o tema da pena do linguista. No entanto, não vejo como possível tratar dessa reflexão somente a partir do artigo. É preciso, sem dúvida nenhuma, igualmente considerar no *corpus* de pesquisa outros textos do linguista que remetem à questão semiológica,⁸ o resumo que Benveniste faz

5 Saliento, a título de exemplo, os textos “Semiologia da língua”, publicado inicialmente, em 1969, na revista *Semiotica*, e “O aparelho formal da enunciação”, publicado inicialmente, em 1970, na revista *Langages*, ambos reunidos, em 1974, no segundo volume dos *Problemas*.

6 A esse respeito, também a título de exemplo, saliento que Benveniste participa do *Primeiro Simpósio Internacional de Semiótica*, ocorrido em Varsóvia, em 1968, sendo responsável, inclusive, por sua conferência de abertura. Saliento ainda duas outras conferências, ocorridas respectivamente em 1966 e 1968, que resultaram, posteriormente, nas publicações: “A forma e o sentido na linguagem” (1967) e “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1970), ambas reunidas, em 1974, no segundo volume dos *Problemas*.

7 Para Pinault (2013, p. 9), Benveniste tem um papel determinante no debate semiológico dos anos 1960, o que é comprovado por sua participação na criação da revista *Semiotica* e na fundação (juntamente com Barthes, Lévi-Strauss e Greimas) do Círculo de Semiótica de Paris, sem contar sua participação na organização de aulas de semiótica na École Pratique des Hautes Études (EPHE) e, como referido anteriormente, suas aulas no Collège de France. Observo ainda que, em 1969, Benveniste se torna o primeiro presidente da Associação Internacional de Semiótica (de cuja fundação também participa) e aceita a presidência do Círculo de Semiótica de Paris.

8 Como, por exemplo, “Tendências recentes em linguística geral” (1954) e “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1963), do primeiro volume, “Estruturalismo e linguística” (1968), “Esta linguagem que faz a história” (1968) e “Estrutura da língua e estrutura da socieda-

de seu curso sobre a semiologia no *Annuaire du Collège de France 1968-1969* (BENVENISTE *apud* LAPLANTINE, 2013, p. 3) e, evidentemente, suas *Últimas aulas*.⁹

Considerando, de um lado, o artigo e, de outro, as aulas (através de suas *Últimas aulas* e do resumo do *Annuaire*), verifica-se que o roteiro de discussão seguido por Benveniste no Collège de France aproxima-se muito do roteiro presente nas duas partes do artigo. Essa proximidade mostra a estreita relação entre esses dois momentos ou, dito de outro modo, espaços (o do artigo e o das aulas), o que se dá não porque um deles, anterior, serve de referência para o outro, posterior, mas porque a escrita e a publicação de “Semiologia da língua” ocorrem paralelamente a essas aulas entre 1968 e 1969. Ou seja, a relação entre o artigo e as aulas não é de anterioridade, mas sim de simultaneidade;¹⁰ daí por que insisto na importância de que esses dois espaços sejam considerados em sua sincronia.

Isso me permitiu melhor compreender o porquê da Parte I e da Parte II (de sua divisão, função e relação):

- a primeira, retomando (didaticamente inclusive) a discussão semiológica em Peirce e Saussure – grandes pensadores que se dedicaram à questão – para, em seguida, introduzir a perspectiva de Benveniste de que cabe à semiologia estudar não apenas os sistemas semiológicos em si, mas também as relações entre os sistemas de signos, tendo a língua aí um papel fundamental;
- a segunda, retomando as noções de semiótico e semântico e propondo a noção de interpretância da língua para, a partir daí, introduzir uma questão específica: a ideia de uma semiologia de segunda geração, a metassemântica, na parte final do texto.

A mobilização desse *corpus* de pesquisa (cujos textos dividi em *textos de teorização*, *textos de contextualização* e *textos de divulgação*) também me permitiu compreender que a *semiologia da língua* de Benveniste não se restringe à questão da metassemântica, uma vez que engloba todas as relações nas quais a língua significa um outro sistema; ou seja, todas as vezes que, *pela e na semiologia da língua*, um sistema interpretado é significado devido à propriedade constitutiva da língua de interpretar, o que ocorre quando se considera

de” (1968/1970), do segundo volume dos *Problemas*.

9 Sem perder de vista, cabe o registro, que se trata de um texto geneticamente estabelecido por Coquet e Fenoglio.

10 A respeito dessa estreita relação entre o artigo e as aulas, remeto a Fenoglio (2013b), Chepiga, Galíndez-Jorge e Fenoglio (2009) e Chepiga *et al.* (2012).

a relação da língua com os outros sistemas, consigo mesma (a escrita), com a sociedade e, também, quando se considera a relação da língua com os textos e as obras (a metassemântica).

Insisto nessa perspectiva, pois, ao longo de “Semiologia da língua”, o linguista menciona a questão da escrita (que seria tratada em outro momento, conforme o *Annuaire*), reservando grande espaço para a discussão da relação da língua com os outros sistemas. Além disso, em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1970), o ponto de vista adotado por Benveniste é o semiológico. Isso já mostra que a ideia da língua como interpretante não se limita à metassemântica, mas relaciona todas essas questões. Dito de outro modo, é plausível dizer que sua reflexão semiológica tem na noção de interpretância da língua seu *ponto de convergência*. Eis a relação da metassemântica com o artigo “Semiologia da língua” como um todo (bem como com outros textos em que a noção de interpretância opera).

Embora compreenda então, *como um todo*, sua ideia de uma *semiologia da língua*, reconheço que a reflexão de Benveniste a respeito da metassemântica difere daquela que envolve a escrita e a sociedade. Se, no que diz respeito à escrita e à sociedade, seu ponto de vista é semiológico – na medida em que a escrita é o instrumento (*pela escrita*) e a manifestação (*na escrita*) do processo de autossemitização da língua (a interpretação que a língua faz de si mesma), assim como a língua é o instrumento (*pela língua*) e a manifestação (*na língua*) do processo de semiotização da sociedade (de interpretação da sociedade) –, no que diz respeito à metassemântica, por sua vez, o que Benveniste propõe é, especificamente, uma semiologia.

Em outras palavras, em todas essas reflexões, a questão semiológica está presente e fundamenta a discussão, o que não significa dizer que, em todas elas, isso produza uma semiologia propriamente dita. Nesse sentido, quando Benveniste (1989, p. 97) toma, por exemplo, língua e sociedade “em sincronia e numa relação semiológica: a relação do interpretante com o interpretado”, isso não produz uma semiologia, mas aponta prospectivamente para uma linguística.

3. Concluindo

Considerando meu périplo em torno do *Benveniste semiólogo*, faço a respeito da questão semiológica alguns apontamentos.

Em primeiro lugar, relaciono a expressão *semiologia da língua*, que intitula o artigo “Semiologia da língua”, à sua reflexão semiológica *como um todo*.

Em segundo lugar, relaciono o projeto prospectivo da metasssemântica, proposto na parte final do artigo, à análise semiológica de um campo específico de estudos: sua *semiologia de segunda geração*. Trata-se, para Benveniste, de uma semiologia baseada na língua (por isso, de “segunda geração”) e não, como propõe Saussure no *Curso*, no signo (considerada de “primeira geração”).

Lembro que essa perspectiva de leitura resulta da *composição vida-obra-teoria* configurada a partir de “meus encontros” com Benveniste e com muitos daqueles que se debruçaram sobre seu percurso, seus textos e suas ideias.

Assim, respondo negativamente à questão (provocadora) do título deste trabalho.

Gostaria, ainda, de fazer um último apontamento (não menos importante) a respeito da questão semiológica em Benveniste. Acredito que, com sua *semiologia da língua*, o linguista busca restabelecer uma relação com as ciências humanas, o que se dá a partir da língua, que, em função de sua dupla significância, tudo significa. Aliás, é o próprio Benveniste que postula a ideia de que a língua é um elo entre as ciências que falam do homem: “Tenho a consciência, cada vez mais viva, de que *o nível significante une o conjunto das ciências do homem*” (BENVENISTE, 1974 [1968], p. 38, grifos e tradução nossos).

Com isso, nesses outros campos do saber, para falar do homem, uma reflexão a respeito da linguagem se torna incontornável, uma vez que é a língua, e somente a língua, que significa a si mesma e os outros sistemas semiológicos.

Por fim, sobre a abordagem reducionista com a qual, muitas vezes, o pensamento de Benveniste é tratado (sua teoria da linguagem), retomo a observação na qual Dessons (2006, p. 26, tradução nossa) sustenta que

[...] particularmente sugestivo, até mesmo perturbador, o pensamento de Benveniste se vê frequentemente atenuado e desnaturalizado pela vulgarização de sua teoria linguística reduzida apenas às análises das marcas formais de enunciação, em detrimento das considerações teóricas de ordem mais geral, cujo alcance revela, no entanto, uma concepção forte e original das relações entre a linguagem e o homem.

E faço um paralelo: Se a teoria da linguagem de Benveniste não se reduz à enunciação e se sua reflexão enunciativa não se reduz a um simples estudo de marcas formais, sua *semiologia da língua* igualmente não pode ser reduzida ao final programático do artigo “Semiologia da língua”, ou seja, à questão da metasssemântica, como procurei mostrar.

Assim, voltando ao convite de Flores, há quase dez anos – “É tempo de reler Benveniste” (2013, p. 191) –, afirmo que continua sendo tempo de

reler Benveniste, e, para tanto, os trabalhos apresentados neste *Colóquio* muito contribuem!

Referências

BÉDOURET-LARRABURU, S.; LAPLANTINE, C. *Émile Benveniste: vers une poétique générale*. Pau: Presses universitaires de Pau et des Pays de l'Adour, 2015.

BENVENISTE, É. *Baudelaire*. Org. Chloé Laplantine. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes/Editora da Unicamp, 1995. Original publicado em 1966.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989. Original publicado em 1974.

BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale, 2*. Paris: Éditions Gallimard, 1974.

BENVENISTE, É. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Org. Jean--Claude Coquet e Irène Fenoglio. São Paulo: Editora Unesp, 2014. Original publicado em 2012.

CHEPIGA, V.; GALÍNDEZ-JORGE, V.; FENOGLIO, I. Remarques de synthèse concernant la comparaison entre les notes des cours 1968-1969 et le Brouillon de l'article 'Sémiologie de la langue', 2009. Texto não publicado.

CHEPIGA, V. *et al.* Le couple conceptuel 'sémiotique/sémantique' dans les manuscrits d'Émile Benveniste. *SHS Web of Conferences*, I, Congrès Mondial de Linguistique Française – CMLF 2012, p. 1057-1071, 2012.

DESSONS, G. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.

DESSONS, G. La place du poème dans la théorie du discours. *In: MARTIN, S. (org.). Émile Benveniste – Pour vivre langage*. Mont-de-Laval: L'Atelier du Grand Tétras, 2009. p. 71-81.

DOSSE, F. *Histoire du structuralisme* — t. 1. Le Champ du signe, 1945-1966. Paris: Éditions La Découverte, 1992a.

DOSSE, F. *Histoire du structuralisme* – t. 2. Le Champ du signe, 1967 à nos jours. Paris: Éditions La Découverte, 1992b.

FENOGLIO, I. 1966: Benveniste publie les *Problèmes de Linguistique Générale*. *Acta Fabula* (Dossier critique – 1966, annus mirabilis), Paris, v. 14, n. 8, p. 1-11, 2013a.

FENOGLIO, I. Éléments pour une genèse de la notion d'énonciation chez Benveniste: Ce que dévoilent les manuscrits. In: DUFAYE, Lionel; GOURNAY, Lucie (org.). *Benveniste après un demi-siècle: Regards sur l'énonciation aujourd'hui*. Paris: Éditions Ophrys, 2013b. p. 41-83.

FENOGLIO, I. Le pré-nom et ses marges: d'Ézra à Émile. In: FENOGLIO, Irène *et al.* *Autour d'Émile Benveniste*. Paris: Éditions du Seuil, 2016a. p. 329-386.

FENOGLIO, I. Traces. Langue. Écriture. In: FENOGLIO, Irène *et al.* *Autour d'Émile Benveniste*. Paris: Éditions du Seuil, 2016b. p. 11-34.

FLORES, V. do N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FLORES, V. do N. *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

LAPLANTINE, C. Faire entendre Benveniste. *Acta Fabula* (Dossier critique – Ce qui a fait signe & ce qui fait sens), Paris, v. 14, n. 7, p. 1-10, 2013.

MOÏNFAR, M. D. L'œuvre d'Émile Benveniste. *Linx*, Nanterre, n. 26, p. 15-26, 1992.

MILNER, J-C. *Le périple structural*. Lagrasse: Verdier/poche, 2008. Original publicado em 2002.

PINAULT, G-J. Benveniste et l'invention du discours. *Fabula LHT* (Dossier 1966, annus mirabilis), Paris, n. 11, p. 1-13, dez. 2013.

ROSÁRIO, H. M. *Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua*. 2018. 174p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006. Original publicado em 1916.

TEIXEIRA, M.; MESSA, R. M. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 97-116, jun. 2015.